

Capítulo 2

As trajetórias biográficas e os patrimônios individuais de disposições

No Brasil, as profundas desigualdades sociais, bem como as diversidades geográficas, econômicas, culturais e sociopolíticas, têm sido objetivadas nas políticas públicas de saúde e de assistência social a partir da noção de território. Noção essa que engendra uma cartografia baseada no reconhecimento daqueles espaços sociais e urbanos habitados por famílias em condições histórico-sociais de vulnerabilidade e de exclusão social, alijadas do acesso aos direitos sociais fundamentais, por exemplo, a mobilidade. As favelas urbanas são territórios vulneráveis onde organizações não governamentais atuam sobre as características prioritárias demandadas coletivamente para a compensação da omissão do Estado (Koga; Alves, 2010).

No entorno da Fiocruz (RJ), *campus* Manguinhos, localizada entre a avenida Brasil e a Linha Vermelha, está a Maré, maior complexo de favelas do Rio de Janeiro, também vizinha da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Aeroporto Internacional do Galeão:

Ocupada a partir das décadas de 1940 e, em especial, [19]60, a região se desenvolveu em pleno processo de expansão da economia carioca e, consequentemente, da periferização e modernização da estrutura urbana. Localizada ao lado da principal via urbana da cidade – a Av. Brasil, a Maré foi uma área privilegiada no que diz respeito à recepção de novas populações. As redes cotidianas de apoio e solidariedade

dos nordestinos foram importantes para a expansão populacional. Elas se materializavam na hospedagem de conterrâneos, indicação para determinados empregos, auxílio na construção de moradias e promoção de atividades culturais coletivas (Souza e Silva, 2011, p. 22).

Santo, Gonçalves e Silva (2013), autores que desenvolvem projetos educativos no bairro da Maré, descrevem a região a partir de indicadores demográficos e socioeconômicos. Segundo os autores, o bairro é constituído por dezesseis comunidades, nas quais residem quase 140 mil habitantes.

Souza e Silva (2011) chama a atenção para a heterogeneidade dessas comunidades por meio da sua classificação no Índice de Qualidade de Vida Urbana. A maioria delas dispõe dos serviços públicos essenciais (oferta regular de água, eletricidade, telefonia, coleta de lixo, asfaltamento de quase todas as vias e sistema integrado de esgotamento sanitário), embora em algumas localidades, por omissão do poder público, até 13% dos domicílios despejem seus dejetos sanitários em valas, como no Parque Rubem Vaz. A maior parte das habitações está em condições precárias e faltam unidades de saúde, bancos e correios:

Por conta da falta de definição dos Códigos de Endereçamento Postal (CEP) em algumas comunidades, ainda é comum a prática de entrega de correspondências nas Associações de Moradores, para posterior distribuição por representantes dessas entidades (Santo; Gonçalves; Silva, 2013, p. 25).

Souza e Silva (2011, p. 20) evidencia que os projetos de urbanização desenvolvidos pelo poder público “tiveram uma visão restrita do urbano”, tendo focado a intervenção física e a infraestrutura, mas “ignoraram a necessidade de produção de uma política social integrada”. Assim, ficaram excluídas iniciativas voltadas para a geração de renda, a participação social e as iniciativas culturais e educacionais.

Metade das pessoas com 10 anos ou mais sobrevive com, no máximo, um salário-mínimo mensal, e apenas 5,5% dos domicílios apresentam renda *per capita* superior a dois salários-mínimos. Apenas 62,5% dos moradores com 10 anos ou mais possuem algum rendimento (Santo; Gonçalves; Silva, 2013). Há dezoito escolas no bairro, seis espaços de educação infantil ou creches públicas municipais e algumas instituições privadas de pequeno porte. Quatro escolas da rede estadual de educação oferecem o ensino médio e, destas, algumas apenas no período noturno:

Com isso, o Ensino Médio apresenta a maior carência de vagas frente à demanda do bairro. Duas escolas da rede municipal oferecem Educação de Jovens e Adultos (EJA), o que não chega a ser suficiente para o atendimento da demanda existente (Santo; Gonçalves; Silva, 2013, p. 28).

Por conseguinte, em 2010, apenas 1,1% dos responsáveis por domicílio possuíam quinze anos ou mais de estudo.

Dentre os 140 mil moradores da Maré há muitos migrantes, oriundos de diferentes regiões do país, mas, principalmente, do Nordeste. Essa miscigenação enriquece a cultura do bairro, com

[...] alguns blocos carnavalescos organizados e uma escola de samba denominada “Gato do Bonsucesso”. São dezenas de grupos musicais, de dança, teatro, vídeo, fotografia etc., formados em geral por jovens. Nesse sentido, a juventude pulsa na Maré (Santo; Gonçalves; Silva, 2013, p. 29).

Souza e Silva (2011) observa a falta de continuidade e a pequena difusão da maior parte desses grupos. As comunidades da Maré sofrem com a violência gerada pela articulação de diferentes facções envolvidas com o tráfico de drogas, e, nos últimos tempos, a violência gerada pelos eventos da “pacificação”. Souza e Silva (2011, p. 23) chama a atenção para o fato de que esta associação – favela e violência – subsume “a pluralidade do cotidiano dos moradores das comunidades populares” enquanto as favelas cariocas são,

[...] antes de tudo, uma fascinante demonstração da capacidade e tenacidade dos setores populares. Competências que, reconhecidas, permitem a ruptura com o tradicional discurso da ausência que norteia os conceitos e representações afirmadas em relação à favela. Discurso que sustenta tanto o olhar conservador/criminalizante em relação aos espaços populares como a postura paternalista assumida pelos setores progressistas. Setores que, embora tenham uma perspectiva solidária com os grupos sociais populares, terminam por apresentá-los como vítimas passivas de um sistema social monolítico, que não teriam condições de compreender e enfrentar (Souza e Silva, 2011, p. 23).

Na origem deste trabalho, encontra-se uma pesquisa voltada para o estudo das trajetórias biográficas dos jovens da Maré e os desdobramentos de sua passagem pela iniciação científica no ensino

médio. Esse projeto, intitulado Juventude e Iniciação Científica, elaborado por Peres¹⁶ por meio de parceria entre o Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Eicos-Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro) e o Laboratório de Iniciação Científica do Programa Vocação Científica da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, da Fundação Oswaldo Cruz (Lic-Provoc/EPSJV/Fiocruz), foi aprovado pelo Comitê de Ética da Fiocruz em setembro de 2008. Dentre outros eventos, a autora e as colaboradoras participaram do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado na cidade do Rio de Janeiro (RJ), em 2009, no qual divulgaram o escopo e os resultados preliminares da pesquisa (Peres; Ferreira; Braga, 2009). Com esse texto profundamente atento, sensível, crítico e problematizador, está posta de modo irrevogável a importância da sociologia bourdieusiana para a compreensão da iniciação científica no ensino médio de jovens oriundos de territórios vulnerabilizados.

O estudo de Peres, Ferreira e Braga (2009) foi realizado por meio da análise de redações de candidatos ao Provoc (Fiocruz/RJ) e de entrevistas em profundidade com egressos. Desenvolveu-se para as entrevistas um roteiro semiestruturado, baseado em estudos sobre a juventude, com o propósito de construir os desdobramentos da educação científica básica em ciência e tecnologia (C&T) em percursos biográficos de jovens dos segmentos sociais desfavorecidos, por meio dos dados teóricos mais significativos tematizados.

16 Orientadora da pesquisa de tese da qual se origina o presente trabalho, desenvolvida pela primeira autora no Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Eicos) do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), defendida em junho de 2015, que contou com apoio parcial da Capes.

Ao longo dos anos de 2008 e 2009, com o apoio de Ferreira, Braga, bolsistas e estagiários, Peres realizou, transcreveu e analisou uma série de entrevistas qualitativas semiestruturadas com egressos do Provoc (Fiocruz/RJ), a partir da primeira turma de ingressantes da Maré; à época, um total de quarenta estudantes. O texto de 2009, acima citado, baseava-se em uma análise preliminar de vinte entrevistas, realizadas com jovens de ambos os sexos (Peres, Ferreira, Braga, 2009).

Os alunos e egressos do Programa de Vocação Científica da Fundação Oswaldo Cruz (RJ), moradores do bairro da Maré, foram escolhidos como grupo que permitiria dialogar com a realidade de uma instituição de pesquisa de alto prestígio sobre a configuração do processo de iniciação científica de jovens em situação de vulnerabilidade social.

Este trabalho, aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa sob o CAAE 37111914.4.0000.5582, Parecer 832.904, constrói seis dessas entrevistas (Figura 1) como histórias de vida focadas na diversidade das disposições sociais envolvidas na educação em ciências desses jovens, admitindo-se matrizes socializadoras múltiplas. Dessa forma, a análise dos perfis individuais, que “não se referem a ‘pessoas singulares’, mas a uma parte daquilo que o mundo social refletiu nelas” (Lahire, 2004a, p. 7), tem por objetivo compreender as relações entre as disposições envolvidas na iniciação científica e na inclusão social de jovens dos segmentos sociais desfavorecidos, e suas trajetórias biográficas.

Para conhecer um pouco do momento atual das trajetórias desses jovens, as estratégias utilizadas foram a consulta aos currículos na Plataforma Lattes – cuja manutenção/atualização pode evidenciar a aspiração/vínculo com instituições de ensino superior (IES) e

institutos de pesquisas (IPqs) – e a busca dos perfis públicos na rede social Facebook.

Entrevistados	Idade	Profissão	Nível de diploma	Escolaridade/Profissão dos pais		Bairro de origem	Moradia
				Pai	Mãe		
E1 – João	23	Técnico de laboratório (IPq)	Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas Especialização <i>latu sensu</i> em Gestão Ambiental	Ensino médio completo/ Despachante	Ensino médio incompleto/ Explicadora	Bonsucesso/ Nova Holanda	Reside com os pais Casa própria
E2 – Antônio	23	Professor de química (Ensino médio/rede privada)	Graduando em Farmácia	Ensino médio e técnico/ Técnico em saúde	Não escolarizada/ Empregada doméstica	Bonsucesso/ Nova Holanda	Reside com os pais Não informado
E3 – Gláucia	18	Estudante	Técnica em Enfermagem Cursa pré-vestibular para Medicina	Ensino médio incompleto/ Gráfico (desempregado)	Ensino fundamental incompleto/ Costureira	Morrodo Tinguá/ Bonsucesso	Reside com os pais Casa própria
E4 – Melissa	18	Desempregada	Ensino médio/curso profissionalizante incompleto em Administração de Empresas	Não sabe	Ensino médio completo/ Técnica em enfermagem	Parque Maré	Reside com a mãe, avó e irmãos Não informado
E5 – Adriano	19	Fuzileiro naval (concurado)	Ensino médio/curso de Formação de Fuzileiro Naval da Marinha	Não informado/ Agricultor	Não informado/ Empregada doméstica	Bonsucesso/ Nova Holanda	Reside com a mãe Casa própria

Entrevistados	Idade	Profissão	Nível de diploma	Escolaridade/Profissão dos pais		Bairro de origem	Moradia
				Pai	Mãe		
E6 – Vitória	22	Estudante	Graduanda em Medicina Veterinária	Ensino fundamental incompleto/ Montador de andaimes	Alfabetizada/ Dona de casa	Saracuruna/ Duque de Caxias	Reside com os pais Casa própria

Figura 1: Caracterização dos egressos do Provoc (Fiocruz/RJ) moradores da Maré entrevistados por Peres, Ferreira e Braga no período de 2008 a 2009, incluídas na análise¹⁷

Fonte: Arantes (2015, p. 209).

Bernard Lahire (2004a) propõe um dispositivo metodológico para a abordagem das disposições sociais que consiste na realização de séries mais longas de entrevistas com o mesmo indivíduo, organizadas de tal forma que possibilitem ao pesquisador, na interação e na análise, reconstruir as características disposicionais em diferentes contextos da vida do indivíduo, buscando interpretar sua gênese e suas formas de constituição.

É por meio desse dispositivo que se faz possível construir retratos sociológicos e perfis culturais individuais que evidenciam as variações interindividuais e intraindividuais. Como as práticas culturais estão mais ligadas às situações incitantes do que aos gostos, e como as diferentes disposições podem ser mais fortes ou mais fracas em determinados contextos, essas variações podem ser ativadas ou entrar em estado de vigília em outros contextos ao longo da vida ou até mesmo ser abandonadas. Apesar da origem social, determinados gostos e inclinações aparentemente contraditórios do ponto de vista da sua

¹⁷ Para preservação das identidades, os nomes dos entrevistados foram substituídos por nomes fictícios.

legitimidade podem conviver pacificamente no mesmo indivíduo, alternando-se em determinados campos culturais em função das múltiplas experiências socializadoras:

Assim, quanto mais se acrescentam práticas, mais se tem chance de mostrar dissonâncias nos perfis culturais, de pôr em evidência indivíduos culturalmente híbridos, ou diversificados, indivíduos com uma geometria cultural variável (o que não significa que sejam culturalmente livres de toda determinação) (Lahire, 2006, p. 124).

O material empírico da pesquisa não permite a construção dos retratos sociológicos ou dos perfis culturais individuais, pois as entrevistas não foram orientadas para a compreensão das disposições sociais e das competências culturais em diferentes contextos da vida dos indivíduos – foi realizada apenas uma entrevista com cada jovem, e cada entrevista focalizou, principalmente, as condições sociais dos jovens e a socialização vivida no laboratório.

Isso pode ser exemplificado por algumas práticas culturais que surgiram pulverizadas nas entrevistas individuais, mas, construídas em um quadro mais geral das práticas culturais do conjunto dos entrevistados, foram assinaladas, principalmente, como “não informadas”, desarticulando a possibilidade de sua discussão: comprar/ler livros; comprar/ler jornais e revistas; ir ao teatro; assistir palestras; visitar museus, exposições e feiras; ter fluência em línguas estrangeiras; programas de TV favoritos e mais assistidos; frequentar shows; aprendizado musical; praticar artesanato/culinária; jogar videogame; navegar pela internet; ouvir música; estilos musicais; frequência ao cinema; filmes assistidos; passear no shopping; passear no parque/praias.

Esse enquadre favorece muito mais a evidenciação, quando possível, de uma fórmula mais geral das práticas de cada jovem a partir das disposições e das competências mobilizadas nesse contexto específico.

De fato, essa é uma limitação da pesquisa. Em contrapartida, esse é também o seu alcance.

As entrevistas estiveram focadas, principalmente, nas duas grandes matrizes socializadoras, a família e a escola, privilegiando projetos e práticas mais circunscritas aos percursos formativos em determinados contextos de ação, principalmente o laboratório, mas também a casa. Dessa forma, não estão em jogo os patrimônios disposicionais dos jovens – cada entrevista possibilita a configuração de um “perfil” individual parcial de envolvimento com a cultura científica, nos contextos possibilitados pelo material empírico.

Assim, é possível realçar as variações interindividuais – neste caso as dos jovens em situação de vulnerabilidade social – em detrimento da adoção de uma fórmula geradora única “do conjunto das práticas de um grupo” (Lahire, 2004a, p. 318).

É factível evidenciar, aqui e ali em suas trajetórias, algumas características disposicionais para crer, sentir e agir no contexto do laboratório, favoráveis à incorporação do seu capital cultural, que são engendradas em outros contextos, como a família, a escola, a igreja, a televisão e o trabalho. Além disso, viabiliza-se a revelação de como o quadro mais geral das dificuldades enfrentadas por esses jovens se traduz em combinação singular nas trajetórias biográficas, em que “singular não rima com excepcional, mas com geral, normal ou habitual” (Lahire, 2006, p. 166).

As entrevistas foram construídas como histórias de vida, com o propósito de destacar os arranjos disposicionais, dentre muitos outros possíveis na realidade empírica, por meio dos quais os jovens agenciam os contextos de educação em ciências mais pertinentes ao caso em questão – quer expusessem configurações de persistência das dissonâncias das disposições sociais de origem e clivagem do *habitus*, quer expusessem questões de adaptação mais ou menos homogêneas das disposições aos contextos, de hibridação do *habitus* e de mobilização de um novo capital cultural de matrizes mais heterogêneas. A história de vida, então,

[...] leva à construção da noção de trajetória como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes. Tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação de um “sujeito” cuja única constância é a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações. Os acontecimentos biográficos definem-se como alocações e como deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado (Bourdieu, 2011d, p. 81-82).

Em jogo estão os processos de incorporação de capitais desigualmente distribuídos e precarizados na ascendência familiar dos jovens, o capital cultural e social e sua institucionalização sob a forma de

diplomas, em um universo institucional da alta cultura científica na modalidade escolarizada.

Cada entrevista é nomeada pelo traço disposicional que se destaca nos contextos de envolvimento com a educação em ciências, embora sejam muito claras as críticas de Lahire (2004a, p. 318) aos problemas de “redução de qualquer objeto a um princípio único de coerência”; isto é, de determinação de um estado durável que definiria os indivíduos para sempre – o que configuraria um retorno ao *habitus* bourdiseano. Destaca-se, ainda, as críticas de Lahire ao risco da caricaturização das figuras ideais-típicas (como o estudante asceta e o estudante boêmio, uma vez que a maioria se situa de forma moderada entre os dois polos).

Nesta pesquisa, a escolha do ato de nomear visou enfatizar que se restringe às disposições em contexto, no qual se busca ilustrar a experiência plural dos jovens, os quais, entre outras coisas, participaram de programas de iniciação científica no ensino médio (IC/EM). Sabemos que o conjunto desse grupo social, jovens em situação de vulnerabilidade, acumula, de forma parcial ou total, propriedades sociais “negativas”:

[...] fraco capital escolar dos pais, fraco capital escolar pessoal de natureza mais técnica e frequentemente associado a experiências escolares negativas, relativo isolamento geográfico, profissional ou de amigos, o que impede qualquer contato duradouro com pessoas com propriedades culturais heterogêneas ou participação em círculos socialmente homogêneos (Lahire, 2006, p. 193).

No presente estudo, cada nome outorgado a cada perfil teve por objetivo o acolhimento da diversidade das categorias de percepção e das estratégias dos jovens para o envolvimento com a iniciação científica – a singularidade das configurações dos arranjos disposicionais, dependentes de outros contextos de socialização –, nas quais outros jovens, oriundos do mesmo lugar social, podem, ou não, vir a se reconhecer:

[...] cada indivíduo é, indissociavelmente 1) o produto social de uma infinidade de experiências socializadoras e 2) um ser relativamente singular enquanto mistura de estilos que tem poucas chances de encontrar um clone perfeito no espaço social (Lahire, 2006, p. 166).

Nessa direção, a ruptura é operada com a personificação dos coletivos.

Foram definidas duas categorias para o quadro mais geral das histórias de vida, por meio das quais se busca identificar as manifestações de traços comportamentais que podem ser indicadores de disposições: disposições consonantes ou dissonantes para o envolvimento com a educação científica, assumindo-se, também, que esses comportamentos podem ser coerentes ou contraditórios.

A probabilidade de consonância das disposições é mais forte em contextos muito homogêneos de socialização e, portanto, pouco provável na realidade empírica em que predominam os perfis dissonantes, produtos das múltiplas matrizes socializadoras e dos contextos de ação. As dissonâncias estão ligadas a incompetências em campo cultural específico e são decorrentes de socializações restritas nesse campo (Lahire, 2006).

Na pesquisa, a consonância e a dissonância, a harmonia e a desarmonia não se referem ao conjunto das disposições individuais entre si, mas à sua eficácia no contexto em questão. A dissonância indica a maior distância social das disposições de origem em relação àquelas valorizadas no contexto de iniciação científica, mas não implica *a priori* evasão ou interrupção da escolarização.

A partir dessas duas classes abrangentes são evidenciados determinados arranjos disposicionais. Essas duas categorias de qualificação mais geral das disposições envolvidas com a iniciação científica, dissonantes e consonantes, são coerentes com o universo da pesquisa e seus pressupostos derivados da perspectiva de Lahire:

- Se a maioria das disposições de origem desses jovens não converge para aquelas demandadas em ambientes de pesquisa, enquanto o jovem deve realizar um trabalho de incorporação, os demais agentes se esforçam para exercer a devida inculcação destas propensões e competências;
- Embora algumas disposições de origem possam ser atualizadas, reforçadas e combinadas, outras disposições podem ser abandonadas, novas disposições construídas e competências adquiridas;
- Essas práticas não são, em sua totalidade, conscientemente vividas e sistematicamente planejadas pelos agentes, mas é possível reconstruí-las enquanto propriedades objetivadas em suas narrativas como características disposicionais, inclinações para agir, sentir e pensar, que são mobilizadas de determinadas formas em determinados contextos sociais;

- A escala individual do social não promove a psicologização de questões que são sociais nem faz apologia do mérito individual, nada é mais social que um indivíduo que age em contexto e por meio das suas múltiplas socializações e das condições de suas diversas práticas.